

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CAMPUS CAXIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

ANDRESSA VIEIRA SANTANA DA SILVA SOUSA

**METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA
SURDOS NO ENSINO MÉDIO**

Caxias – MA

2024

ANDRESSA VIEIRA SANTANA DA SILVA SOUSA

**METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA
SURDOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras da Universidade Estadual
do Maranhão para o grau de licenciatura em
Letras.

Orientadora: Profa. Me. Crislane Moraes da
Silva Sousa

Caxias – MA

2024

S725m Sousa, Andressa Vieira Santana da Silva

Metodologias de ensino de língua portuguesa como L2 para surdos no ensino médio / Andressa Vieira Santana da Silva Sousa. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

52f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof^ª. Ma. Crislane Morais da Silva Sousa.

1. Língua Portuguesa. 2. Metodologia. 3. Alunos surdos. 4. Ensino médio. 1. Título.

CDU 811.134.3:376

ANDRESSA VIEIRA SANTANA DA SILVA SOUSA

**METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA
SURDOS NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Caxias, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português/Literatura.

Orientadora: Profa. Me. Crislane Moraes da Silva Sousa

Aprovada em: 20/08/2024

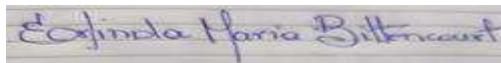
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Crislane Moraes da Silva Sousa

Doutora em

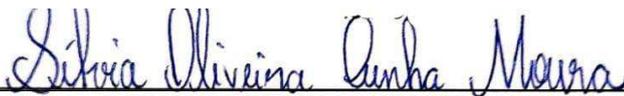
Universidade Estadual do Maranhão



Profa. Dra. Erlinda Maria Bittencourt

Doutora em

Universidade Estadual do Maranhão



Profa. Mestranda Sílvia Oliveira Cunha Moura

Doutora em

Universidade Estadual do Maranhão

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido chegar até aqui, que nos momentos de angústia me fez ver o quanto Ele me ama e cuida de mim. Agradeço à minha amável família em especial minha doce filha, que me fez conhecer o verdadeiro sentido do amor e que me fez ser mais forte do que eu jamais pensei que seria. Ao meu amado esposo que tanto me incentivou nos estudos me ajudando em tudo o que estava em seu alcance. A minha mãe Maria Domingas e minha irmã Andreia que sempre que eu precisava de mais tempo para escrever, se disponibilizavam em cuidar da minha pequena e também minha sogra Telma e cunhada Adriana com suas duas sobrinhas que me ajudaram bastante nessa trajetória. Sou grata por meus amigos de classe que durante esses anos me proporcionou muitas risadas e incentivo em querer aprender mais, e em especial Maria Vitória e Naara que sempre eram as pessoas mais positivas que já conheci. Agradeço a cada professor que corroborou para o meu aprendizado, em especial professora Solange, Maria da Cruz e minha amável orientadora Crislane que me ajudou em todos os aspectos para que este trabalho pudesse ser concluído, sempre me direcionando e me ajudando no que fosse preciso com muita paciência e dedicação. Agradeço também uma amiga especial, Kecilene, que sempre me deu palavras de ânimo dizendo que eu iria conseguir. A meu Jesus que é meu amigo fiel, me dando forças e fazendo com que eu acreditasse que esse sonho seria possível. A todos, o meu profundo agradecimento e obrigado por tudo.

RESUMO

O presente trabalho estuda as metodologias da Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos. Na perspectiva que foi trabalhado, observa-se que através das metodologias, com o uso de materiais adaptados, os alunos surdos conseguem compreender melhor a Língua Portuguesa. Assim, examinar e descrever os procedimentos metodológicos, se fazem de suma relevância no processo de ensino e aprendizagem aos discentes com surdez. Desse modo, o nosso objetivo geral é analisar os materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos no ensino médio; para isso, pontua-se os primeiros métodos de aprendizagem dos sujeitos surdos (oralismo, comunicação total e bilinguismo); após, foi apresentado a importância da Língua Portuguesa para o desenvolvimento linguístico do surdo; por fim, as metodologias e os materiais didáticos desenvolvidos para o processo de ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos. A seguinte pesquisa visa responder a indagação: quais as orientações dos materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos? Assim, foram feitas análises de materiais, bem como levantamentos bibliográficos. Para o desenvolvimento deste estudo foram necessárias as leituras tais como: Maia; Veloso (2009); Quadros (2019); Santos; Goes (2016); Honora; Frizanco (2009); Costa (2019); Salles *et al.* (2004); Salces (2016); Cunha (1997); Campello (2005). A partir destas análises e descrições, entende-se que os processos metodológicos adotados pelos professores de Língua Portuguesa, colaboram com a técnica de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, contribuindo assim para o perfil de profissionais que irão exercer suas funções com mais habilidade e competência.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Metodologia; Alunos Surdos.

ABSTRACT

This paper studies the methodologies of Portuguese as a second language for deaf students. From the perspective of the work, it is observed that through methodologies, with the use of adapted materials, deaf students can have a better understanding of the Portuguese language. Thus, examining and describing methodological procedures is extremely important in the teaching and learning process for students with deafblindness. Thus, our general objective is to analyze teaching materials in the teaching of Portuguese for deaf students in secondary school; to this end, the first learning methods of deaf subjects (oralism, total communication, and bilingualism) are pointed out; then, the importance of the Portuguese language for the linguistic development of people who are deaf or hard of hearing was presented; finally, the methodologies and teaching materials developed for the process of teaching Portuguese language to deaf students. The following research aims to answer the following question: What are the guidelines for teaching materials in Portuguese language teaching for deaf students? Thus, materials were analyzed, as well as bibliographical surveys. For the development of this study, it was necessary to read Maia; Veloso (2009); Quadros (2019), Santos, Goes (2016), Honora, Frizanco (2009), Costa (2019), Salles *et al.* (2004); Salces (2016); Cunha (1997); Campello (2005). From these analyses and descriptions, it is understood that the methodological processes adopted by Portuguese language teachers collaborate with the teaching and learning techniques of deaf students, thus contributing to the profile of professionals who will perform their duties with more skill and competence.

Keywords: Portuguese Language; Methodology; Deaf Students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 EDUCAÇÃO DOS SURDOS: CONTEXTO HISTÓRICO E CONCEITUAL	10
2.1 Conceituando educação dos surdos	11
2.2 Os primeiros educadores dos sujeitos surdos	14
2.3 Oralismo; Comunicação Total e Bilinguismo e seus métodos educacionais	17
3 O ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ALUNO SURDO	21
3.1 Definição de Língua Portuguesa para os surdos	21
3.2 Língua Portuguesa e Comunidade Surda: uma ponte para a inclusão e o reconhecimento	28
4 METODOLOGIA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS.....	31
4.1 Metodologias de Língua Portuguesa como processo de aprendizagem ao educando com surdez.....	31
4.2 Materiais didáticos desenvolvidos para o ensino de Língua Portuguesa como segunda Língua para os alunos do 1º ano do Ensino Médio.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A Libras é a segunda Língua Materna do Brasil e para o surdo ela deve ser a primeira língua. Eles sentem dificuldades com o português, pois a estrutura da Libras é diferente da Língua Portuguesa e o fato deles não ouvirem e não ser lido repassado metodologicamente de forma coerente, resulta uma grande dificuldade para que eles a compreendam. As Línguas de Sinais (LS) são as Línguas Naturais dessa comunidade. Ao contrário do que muitos imaginam, as línguas não oralizadas, não são simplesmente mímicas e gestos soltos, mas é utilizada para facilitar a comunicação.

A Lei da Libras de Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, afirma que ela possui uma gramática e que esta não substitui a Língua Portuguesa, portanto, de acordo com a lei é perceptível que a Língua de Sinais Brasileira-LSB é independente, no entanto, a aprendizagem e utilização do português colabora com o desenvolvimento e a comunicação deles por meio da escrita e do oralismo; por isso, é relevante o seu aprendizado como segunda Língua- L2.

Ainda se tem muito o que investigar, considerando a importância das metodologias de ensino de Língua Portuguesa como L2 para estes alunos no ensino médio. Portanto, indaga-se o seguinte: Quais as orientações dos materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos?

Assim, objetivamos analisar os materiais didáticos para alunos surdos como segunda língua no ensino médio; para isso, pontuamos os primeiros métodos de aprendizagem dos sujeitos surdos (oralismo, comunicação total e bilinguismo); após, investigamos o interesse em apresentar as metodologias do ensino de Língua Portuguesa referente ao processo de aprendizagem desses estudantes, em que conseguimos perceber a relevância das estratégias que são utilizadas pelo professor em sala de aula e a importância do ensino da segunda língua para o desenvolvimento linguístico desta comunidade.

O interesse da pesquisa veio da observação de que, dentro do convívio familiar, percebemos a grande dificuldade que os surdos têm de aprender o português e pôr em prática o que é ensinado em sala de aula, essa distância entre ambos acarreta vários danos que podem ser irreparáveis. Desse modo, Santos e Goes (2016) apontam que por mais que se tenha limites que podem ser apresentados na Libras, eles podem aprender sobre todas as coisas.

A Libras é uma língua que possui estrutura gramatical, tal qual como as outras línguas. Portanto, é de suma relevância afirmar que, conforme Honora e Frizanco (2009),

Libras não é universal, pois ela, assim como a língua portuguesa, possui a variedade linguística por ser a representação da cultura um povo.

A lei 10.436 obriga os órgãos públicos a terem pelo menos 5% de seus funcionários que sejam surdos, por isso o conhecimento da Libras é fundamental para todo o quadro de funcionários de uma empresa ouvinte, em que poderão se comunicar com eles. Dessa forma, o domínio da Língua de Sinais é de extrema relevância para o crescimento pessoal e profissional desta comunidade.

Além da nossa problemática, pensamos a estrutura do texto a partir das seguintes questões norteadoras: Quais ações didático-pedagógicas do professor podem ser abordadas em sala de aula no ensino médio? Qual a relevância do ensino de Língua Portuguesa para o desenvolvimento linguístico do surdo?

Para viabilizar essas questões foi adotado o método de pesquisa de cunho bibliográfico e analítico e sintético, em que analisamos alguns materiais e sintetizamos os conteúdos mapeando vídeos da internet e um plano de aula do novo ensino médio. A pesquisa fundamentou-se em autores que já têm seus nomes reconhecidos nos estudos da Libras, são eles: Maia; Veloso (2009); Quadros (2019); Quadros (2004); Santos; Goes (2016); Honora; Frizanco (2009); Costa (2019); Salles *et al.* (2004); Salces (2016), Cunha (1997), Campello (2005).

O trabalho está estruturado em três tópicos teóricos, em que o primeiro intitula-se breve contexto histórico acerca da educação dos surdos. Na ocasião, fizemos uma análise sobre as “Filosofias educacionais dos surdos”, que demarcou os primeiros métodos de aprendizagem desses sujeitos. Desse modo, as metodologias do ensino da Língua Portuguesa precisam estar alinhadas como segunda língua para os surdos, para que eles possam, a partir de sua língua materna, no caso, a Libras, entender como funciona a estrutura da língua oral.

Na segunda parte da pesquisa, discutimos sobre o estudo da Língua Portuguesa para o surdo que vai para além do ensino e aprendizagem. Este ensino precisa ser pautado em uma educação que não se resume apenas a técnicas de memorização, mas que eles sejam capazes de ter domínio e saibam se expressar dentro de seu contexto diário. Desse modo, apontar a definição e o seu ensino para os surdos, se faz necessário para que possamos ver um número cada vez mais significativo de surdos alfabetizados e letrados.

Encerrando nossos apontamentos, abordamos sobre as metodologias para o processo de ensino aprendizagem dos surdos que devem estar pautados no uso de recursos visuais para que eles consigam compreender o português. Além disso, é de suma importância que os professores estejam preparados para o ensino das duas línguas para que saibam utilizar os

recursos didáticos de forma correta proporcionando a estes alunos uma aprendizagem significativa.

A pesquisa proposta apontou como a Língua Portuguesa pode ser repassada ao surdo como segunda língua, pois colabora com a autonomia, aprendizagem e desenvolvimento dessa comunidade. Outro fator interessante, são os métodos, ou seja, as estratégias que os professores precisam realizar para explicar com eficácia a estrutura do português.

2 EDUCAÇÃO DOS SURDOS: CONTEXTO HISTÓRICO E CONCEITUAL

Neste capítulo será abordado um breve contexto histórico sobre a educação dos surdos e como as conquistas evoluíram no decorrer dos anos. Os surdos desde a Idade Antiga eram vistos como seres castigados e amaldiçoados, e isso fez com que muitos deles fossem abandonados, jogados em rios e até mortos, a exemplo da Europa onde eram jogados na fogueira, já no Egito eles eram adorados como deuses. Eles não tinham nenhum direito como cidadãos na época, todavia, surge estudiosos que visam uma educação adequada apesar dos pontos negativos e positivos que surgiram em seus métodos de estudo, Maia e Veloso (2009).

Portanto, surgindo assim os primeiros educadores de surdos que desenvolveram métodos de ensino aprimorados ao longo dos tempos até chegar na atual Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que é um meio de comunicação com a comunidade surda.

Ao analisarmos historicamente, tem três grandes filosofias: oralismo; comunicação total e bilinguismo. A primeira filosofia consiste em ter que obrigar os surdos a falarem e essa ideia surge a partir do maior evento que impactou a história da educação dos surdos, que foi o congresso de Milão, em 1880, que tinha como objetivo desenvolver a fala dos estudantes surdos e, como estratégia, os oralistas expulsavam os professores de surdos das escolas e excluíam a comunidade surda da política das instituições de ensino e então a Língua de Sinais foi proibida. A segunda filosofia foi a comunicação total, que surgiu com a queda do oralismo, em que adota a ideia de serem usados todos os meios possíveis para facilitar a comunicação que vai desde a língua oral, sinais e sistemas artificiais com objetivo de ensinar a leitura e a escrita para os estudantes surdos. A terceira filosofia é o bilinguismo que objetiva desenvolver a habilidade na Língua Oral e na Língua de Sinais, claro que aqui teria sido um grande avanço para a educação, mas será evidenciado que alguns conceitos não favorecem a educação dos surdos. Por isso, será de suma relevância conhecer o percurso histórico, primeiros educadores e as três filosofias oralistas desenvolvidas na época.

2.1 Conceituando educação dos surdos

Durante todo o percurso da história da educação dos surdos, é possível notar que foi uma luta árdua de muitos altos e baixos, o surdo era visto na Idade Antiga, como um ser incapaz de receber ensino. Capovilla (2000) afirma a visão de alguns filósofos com relação aos surdos, em que o filósofo Aristóteles acreditava que a aprendizagem dependia da audição, e por esta razão, ele acreditava que os cegos eram mais facilmente educados do que os surdos.

Segundo Maia e Veloso (2009), as escrituras sagradas fazem menção sobre os surdos, enfatizando que pelo fato de não ouvirem, eles não poderiam ser amaldiçoados, pois eles são criação de Deus, e essa afirmativa se confirma com os textos bíblicos de (Êxodo 4:11) “E o Senhor lhe disse: Quem fez a boca do homem? Quem fez o mudo, o surdo, o que vê ou o cego? Não fiz eu o Senhor?”. E o texto de (Levítico 19:14) “Não amaldiçoarás o surdo, nem colocarás pedra de tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor”. No entanto, como Deus criou homem e mulher com audição, Ele também criou os cegos e surdos, por isso, não devemos achá-los desprovidos de entendimento, pois são capazes de aprender, embora não ouçam.

Uma outra afirmativa sobre os surdos é relatada no Novo Testamento quando Jesus nasce, cresce e começa a ensinar as pessoas daquela época. Um dos textos que retrata sobre Jesus e os surdos é em (Marcos 7:32-35):

E trouxeram-lhe um surdo, que falava com dificuldade; e lhe pediram que impusesse a sua mão sobre ele. E, tirando-o de entre a multidão, pôs-lhe os dedos nos ouvidos, e cuspiu, e tocou-lhe a língua, e erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá; isto é, seja aberto. E imediatamente os seus ouvidos foram abertos, e a amarra de sua língua se soltou, ele falou claramente.

Dessa forma, é possível notar que tanto no Antigo Testamento quanto o Novo Testamento fazem menção sobre os surdos, ou seja, são seres humanos criados por Deus que devem receber o respeito de todos, e nesse trecho é comprovado que surdos eram curados e puderam obter sua audição na época, mas isso não acontecia com todos eles, apenas alguns com o objetivo de mostrar para as pessoas que Jesus curava os cegos, surdos, leprosos entre outros.

Não só a bíblia sagrada relata sobre os surdos, mas existem alguns posicionamentos de filósofos que se destacavam na época como Heródoto (485-420 a.C) que,

segundo Maia e Veloso (2009) considerava os surdos punidos pelos deuses. Sócrates (469 a.C) somente faz um comentário com seu discípulo Hermógenes dizendo que se caso eles fossem surdos, não seria necessário o uso das mãos para sinalizar? O diálogo deles não foi mais profundo sobre esse assunto.

Um outro filósofo de destaque foi Aristóteles (384-322 a. C), que acreditava que uma pessoa para ter linguagem, obrigatoriamente teria que falar, sendo assim, eram seres incapazes de racionalizar. Até mesmo na Idade Média (476-1453), os surdos não recebiam nenhum tratamento digno, mas pelo contrário, eram considerados incapazes até mesmo de confessarem seus pecados. Portanto, Honora e Frizanco (2009, p. 19) ressalta que:

Na Idade Média, a Igreja Católica teve papel fundamental na discriminação no que se refere às pessoas com deficiência, já que para ela o homem foi criado à “imagem e semelhança de Deus”, Por tanto, os que não se encaixavam neste padrão eram postos à margem, não sendo considerados humanos. Entretanto, isso incomodava a Igreja, principalmente em relação às famílias abastadas.

Como na época os nobres não queriam dividir suas heranças, eles acabavam se casando entre si, e com isso cresceu a quantidade de surdos na época, e como eles não conseguiam se confessar, foram considerados seres imortais. Logo, em alguns países houve as várias concepções com relação ao surdo, pois na grande maioria dos países, como na China, Grécia, os surdos eram descartados, sendo jogados no mar, em fogueiras, abandonados e levados à morte simplesmente pelo fato de ser surdo.

Para Honora e Frizanco (2009), como nesse período a Igreja Católica possuía grande poder, e pensando em agregar valores, buscavam formas de educar os surdos que possuíam bens, para que a igreja não fosse prejudicada, então os monges se tornaram a ponte de comunicação com os surdos, criando na época o voto do silêncio, com o objetivo de não repassarem o que aprendiam nas escrituras sagradas, sendo feita a comunicação só de forma gestual.

Em Roma, os surdos ainda eram menosprezados e descartados como se fossem um objeto sem valor e muitas vezes jogados dentro dos rios. O trabalho que alguns exerciam nesta época era um trabalho escravo, mas começou-se a ter uma outra perspectiva com relação a surdez. Dessa forma, com o governo de Justiniano (483-527 d. C.), foi criado o código Justiniano com o objetivo de diferenciar os graus de deficiência auditiva.

Por conseguinte, Maia e Veloso (2009), afirmam que é na Idade Moderna (1453), vem surgindo pessoas da qual mudam a forma de pensar com relação aos surdos, então, o advogado Bartollo Della Marca d’Ancora é um dos primeiros a afirmar uma possibilidade dos

surdos aprenderem tanto através da Língua de Sinais como da Língua Oral. Nesse período os estudos da medicina se voltam para os surdos.

Girolamo Cardano (1501-1576), matemático, filósofo e médico, ganha destaque na Idade Moderna, pelo fato dele ter um filho surdo, ele busca conhecer e aprender mais sobre o processo educacional dessas pessoas, então, após longas pesquisas, descobriu que o som da fala, ou a ideia do pensamento pode ser representado na escrita.

Ainda nesse período, Rodolfo Agricola (1494-1555) teve contato com um surdo nato que se expressava através da escrita, e alguns anos depois em 1560 o monge Melchor de Yebra (1526-1586) escreve um livro “Refugium Infirmorum”, em que nele aborda o primeiro alfabeto manual. Ele por ser monge, aproveita o uso do alfabeto manual para fazer com que os surdos entendessem questões espirituais, e este documento escrito por ele foi publicado 7 anos depois de sua morte.

Logo, é na Idade Moderna que o conceito de educação de surdo ganha visibilidade, pois alguns educadores surgem exercendo um papel importante com seus estudos, para que se pudesse haver de fato uma educação para a comunidade surda. Todos os métodos por eles analisados tiveram um grande marco que contribuiu para o desenvolvimento deles. Vale ressaltar que, é necessário entender o conceito de surdos para que possa de maneira efetiva compreender todo o contexto educacional.

A pessoa surda é aquela que tem perda auditiva e expressa sua cultura por meio da Língua de Sinais. Ou seja, “o sujeito surdo consegue exercer sua cidadania, efetuar comunicação com outros surdos e com pessoas ouvintes, transmitir seus pensamentos e emoções por uso da Língua de Sinais” (Ribeiro e Biernaski, 2017). Portanto, através da Língua de Sinais é possível criar e compartilhar todos os temas desejados e assim proporcionar uma sociedade mais inclusiva.

Assim, é necessário compreender que, a deficiência auditiva e a surdez têm as suas causas por dois motivos diferentes, em que a primeira é perda parcial e a segunda é a “perda total da audição, que pode ser causada por má-formação congênita, ou seja, desde o nascimento, ou também adquirido ao longo da vida” (Santos e Goes, 2016, p.4). Por isso, é de suma importância compreender o conceito do que é o ser surdo.

Nesse contexto, crianças ouvintes desde seu nascimento são expostas à língua oral, dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria, mas infelizmente isto não ocorre de fato.

Portanto, notam-se as barreiras enfrentadas pelo surdo, e esses problemas interferem em seu aprendizado, comprometendo o desenvolvimento da leitura e de percepção, além do seu conhecimento de mundo. Os sujeitos surdos são dinâmicos e estão sempre em processo de desenvolvimento e ampliação, assim como diversos grupo social, os surdos, ressaltam o bilinguismo como um grande sonho que ainda estamos caminhando para ser realizado.

Diante disso, é possível perceber que dentro do contexto educacional, os surdos foram vistos por várias óticas diferentes que os fizeram ser desvalorizados na história, eles são seres humanos, que apesar de não ouvir, possuem sonhos e vontades como todos nós. Então, com a tentativa de conhecer e educar os sujeitos surdos, é que nasce alguns educadores em várias partes dos países e elaboram metodologias de ensino para ensiná-los.

2.2 Os primeiros educadores dos sujeitos surdos

Como vimos no decorrer do contexto histórico de como os surdos eram vistos desde a Idade Antiga até meados da Idade Moderna, aqui, veremos os primeiros educadores dos sujeitos surdos, que trouxeram grande contribuição dentro do contexto educacional. O personagem de destaque foi Pedro Ponce de Leon (1520-1584), tinha dois irmãos surdos por nome Pedro Velasco e Francisco, ambos possuíam um poder aquisitivo, sendo que o primeiro se tornou padre e o outro conseguiu o direito à herança, pelo fato de ter conseguido oralizar na época, pois na Idade Antiga era quase impossível de acontecer.

Ponce de León por já ser professor de outras disciplinas na sua escola, na Espanha, onde ensina seus dois irmãos surdos, passa a usar como métodos de ensino a datilologia, a oralização e a escrita. Depois ele fundou uma escola para professores surdos. Segundo Maia e Veloso (2009), não há relatos de nenhuma publicação dele, e o método usado por ele logo foi levado ao esquecimento, justamente pelo fato do sigilo a respeito da educação dos surdos.

Neste raciocínio, Honora e Frizanco (2009, p.20) declara que:

Há registros de que uma família espanhola teve muitos descendentes surdos por ter o costume, já mencionado anteriormente, de se casarem entre si para não dividirem os bens com estranhos. Dois membros dessa família foram para o mosteiro de Ponce de Leon e lá, junto dele, deram origem à Língua de Sinais. Ponce de Leon foi tutor de muitos surdos e foi dado a ele o mérito de provar que a pessoa surda era capaz, contrariando a afirmação anterior de Aristóteles. Seus alunos foram pessoas importantes que dominavam Filosofia, História, Matemática e outras ciências, o que fez com que o trabalho de Leon fosse reconhecido em toda a Europa. Pelo pouco que restou de registro de seu método, sabemos que seu trabalho iniciava com o ensino da escrita, por meio dos nomes dos objetos, e em seguida o ensino da fala, começando pelos fonemas.

Dessa forma, Ponce de Leon assume a sua responsabilidade enquanto professor e procura todas as formas para educar os surdos, contrariando as ideias de muitos filósofos da Idade Antiga. Logo, é possível perceber que os surdos poderiam sim ser educados, o que faltava era alguém apto para saber usar a metodologia correta para que eles aprendessem. As autoras acima deixam claro que, por seus alunos serem pessoas importantes da época que dominavam várias disciplinas, contribuíram para que Leon fosse reconhecido no seu país.

Um outro educador que surge na época foi Juan Pablo Bonet (1579-1623), que segundo Maia e Veloso (2009 p.30) “iniciou a educação com outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, através de sinais, treinamento da fala e o uso do alfabeto datilológico. Teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como Marquês de Frenzo”. Portanto, logo após ele ganhar esse título, publica seu primeiro livro sobre educação dos surdos, onde aborda o seu método de ensino oral.

Podemos perceber até aqui que todos estes professores tinham como foco principal o oralismo, ou seja, acreditavam que os surdos poderiam sim oralizar através dos seus métodos. Assim, no século XVII foi perceptível o aumento de interessados em estudar sobre a educação de surdos, porque estava sendo aberta uma porta de possibilidades para o ganho financeiro, por conta das famílias que tinham descendentes surdos, dessa forma, eles investiam muito dinheiro para que esses surdos oralizassem.

A partir disso, surge Samuel Heinicke (1729-1790), considerado “Pai do Método Alemão” onde ensina o oralismo puro. Quando ele escreve uma carta para L’Epee, fala da forma como ele ensinava os surdos, enfatizando o seu procedimento como um processo lento e fácil dentro da própria língua materna. Nesta mesma perspectiva, um outro educador inglês foi Thomas Braidwood (1715-1806), funda uma escola privada em Grã-Bretanha. Na Inglaterra, ele inicia uma escola para surdos e pessoas incapacitadas, sendo que a ênfase para educar os surdos era a leitura orofacial, já as crianças consideradas sem “capacidade” ficavam isoladas dentro da sala. Logo, Maia e Veloso (2009) afirmam, em 1750 inicia-se a abertura nas escolas para as pessoas inválidas e era feita a separação das crianças inválidas e das surdas, sendo as pobres e sem pais recebiam o mesmo tratamento de uma criança surda.

No século XVIII, é que aparecem, nas instituições, trabalhos realizados nesta linha de pesquisa e Abade Roch Sicard (1742-1822) é quem foi diretor de uma escola de surdos, assumindo essa posição logo após a morte de L’Epée que foi quem instruiu Sicard. Ambos defendiam uma educação gratuita e pública. Enquanto isso, Tommaso Silvestri (1744-1789) aprende e conhece o método usado por L’Epée e acaba fundando uma escola na Roma. Silvestre possui várias obras que se destinaram ao ensino da leitura labial e da fala.

Um outro personagem que ganha destaque é Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) que no ano de 1817, sendo ainda bem jovem, desperta a curiosidade por buscar mais conhecimento sobre a educação dos surdos. Maia e Veloso (2009), afirma que Gallaudet ver em seu jardim uma jovem que era excluída das outras crianças e não conseguia socializar com elas e nem tinha escola para que ela pudesse estudar, porque na época ainda não havia escola de surdos. Então, ele viaja na busca de novas técnicas, no entanto, professores se negam a ensiná-lo. Assim, Giroletti (2017, p.5) relata que:

Os Braidwood, da Inglaterra negavam-se a ensinar suas metodologias devido à programação muito extensa, porém, alguns tempos depois Gallaudet ficou impressionado com a metodologia do abade Sicard, que era basicamente a língua de sinais, e viajou para a França em busca de seu novo método. Gallaudet estava acompanhado de um francês surdo, Laurent Clerc, que foi um dos melhores alunos de L'Épée e fundou a primeira escola de surdos nos Estados Unidos.

Há de se perceber perfeitamente, que Gallaudet apesar da dificuldade que teve para que outras pessoas lhe repassassem algum conhecimento sobre os surdos, se tornou amigo de Laurent Clerc que o ensinou a língua de sinais. Nos Estados Unidos foi fundada pela primeira vez uma escola permanente para surdos e a partir dela, várias outras começaram a surgir e professores surdos e ouvintes passaram a ser fluentes na língua de sinais.

Neste raciocínio, surge Alexander Grahn Bell (1874-1922), um forte defensor do oralismo, e totalmente contrário à língua de sinais, por acreditar que esta prejudicava a intelectualidade dos surdos. Ele faz várias críticas em seus artigos a casamentos entre pessoas surdas. Logo ele vai para Boston, onde acabou se casando com uma surda e como tentativa de fazê-la ouvir, Giroletti (2017) afirma que ele cria o telefone, sendo o meio pelo qual ele tenta se comunicar com ela, e essa criação ganhou grande força neste período.

Todos estes educadores tiveram seus nomes conhecidos em vários países do mundo, então é que surge aqui no Brasil Eduard Huet (1822-1882) professor francês, que veio com a missão de fundar uma escola para educar os surdos, pois até o século XV, os surdos eram considerados pessoas que não se podia educar, mas essa concepção foi sendo mudada com o conhecimento que veio da Europa. Huet, ao chegar ao Brasil trazendo consigo o aprendizado da Língua de Sinais Francesa, solicita ao imperador Dom Pedro II um local para que ele pudesse ensinar, é então que surge o Instituto dos Surdos-Mudos, que depois foi conhecido como (INES) Instituto Nacional de Educação dos Surdos, onde foi fundado em 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro. Então o alfabeto manual ganha força, mas Huet não

passa muito tempo no Brasil, tendo que viajar para o México e outros professores passam a assumir a diretoria do Instituto, que teve sucesso com uns e com outros não.

Um grande Congresso aconteceu em Milão em 1880, onde vários representantes de países se reuniram para falar sobre a mudança da língua de sinais pela língua oral, neste congresso se encontrava apenas um surdo, ou seja, era a minoria, que acabou sem o direito ao voto. Neste congresso, ficou acordado que a Língua de Sinais não seria mais utilizada de forma nenhuma e somente a oralização era obrigatória, com essa decisão, para a educação dos surdos foi um grande retrocesso, pois já tinham muitos surdos sendo educados através da Língua de Sinais.

Ao descrever o processo histórico quanto aos aspectos filosóficos e sociais na educação dos surdos, tendo em vista vários educadores que buscaram de alguma forma compreender a surdez para que se pudesse criar métodos de ensino, remetemos a três grandes movimentos registrados no decorrer da história, sendo eles: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

2.3 Oralismo; Comunicação Total e Bilinguismo e seus métodos educacionais

O oralismo, comunicação total e bilinguismo são três filosofias que aconteceram durante todo o contexto educacional dos surdos, onde perceberemos que cada uma possui a sua metodologia própria que corroborou para até então Língua de Sinais. A primeira filosofia ocorre durante a Idade Média e princípio da Modernidade. Segundo Santos e Goes (2016), remete-se ao treinamento auditivo, a leitura labial e o desenvolvimento da fala. Além disso, o uso de prótese individual para ampliação de sons. Para Lorenzini (2004), o objetivo do oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à não surdez. Portanto, notamos que este método foi utilizado por muito tempo e considerado a melhor forma de educação das pessoas surdas, no entanto, eles eram proibidos de usar as suas mãos como forma de expressão e comunicação. Eram agredidos, punidos e muitas vezes escondidos da sociedade.

Nessa perspectiva, Giroletti (2017, p.13) conceitua “o oralismo, ‘oral’ dá ênfase à fala, os surdos teriam que falar”. O Congresso de Milão, em 1880, foi o auge para que se legalizassem e obrigassem as instituições de ensino da época a fazer a oralização dos educandos surdos. Logo, o grande impacto para esta comunidade foi no 2º Congresso em Milão, pois tiveram várias determinações que foram totalmente contra à Língua de Sinais, sendo uma delas a oralização pura, onde tiveram como objetivo, expulsar os professores

surdos das instituições e excluir os surdos da política das instituições de ensino. Aqui podemos perceber que o surdo é quem tinha que se adequar com a sociedade e não a sociedade com os surdos.

Na primeira fase desta filosofia surda a realidade era baseada na busca por uma ‘normalidade’ que não existia de fato, o que não colaborava para a compreensão de mundo e desenvolvimento do pensamento da pessoa surda. Eles pareciam um depósito sem retorno, onde o cliente coloca no banco esperando que aumente seu saldo, no entanto, o que ocorrerá é deste homem ser uma pessoa enganada e não conseguir um retorno positivo, além de tudo não conseguirá desenvolver o seu senso de reflexão.

Em contraste, o método da filosofia educacional voltada à Comunicação Total trouxe uma característica diferencial para a Idade Moderna, pois nesta concepção, segundo Costa (2018), era possível a utilização das Línguas de Sinais e do alfabeto digital, mas não se descartava a ampliação sonora, da fonoarticulação, da leitura labial, o uso da leitura e escrita e passava a utilizar todos estes aspectos ao mesmo tempo. Portanto, a Comunicação Total é um procedimento baseado nos múltiplos aspectos das orientações manualista e oralista ao deficiente auditivo. Assim, podemos observar que esta segunda forma de educação trouxe a Língua de Sinais, mas não como a forma mais adequada para estes sujeitos, mas como um suplemento ou apoio em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento do pensamento ‘possivelmente’ crítico. Destarte, somente na terceira concepção, será possível observar um método mais eficaz, que é utilizado até hoje.

A filosofia bilíngue apresenta uma proposta pautada no acesso a duas línguas, que no caso das pessoas surdas, as línguas são: a Língua de Sinais considerada como a língua natural, e a língua do seu país na modalidade escrita, ou seja, no caso do Brasil, a Língua de Sinais é a Libras e a modalidade escrita é da Língua Portuguesa (Santos e Goes, 2016). Esta modalidade só foi afirmada no início da Idade Contemporânea. Mas, apesar de uma longa trajetória, este método é considerado como mais eficaz na aprendizagem das pessoas surdas.

Neste contexto, criança ouvinte desde seu nascimento é exposta à língua oral, dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem. Mas infelizmente isto não ocorre. Somente com a filosofia educacional bilíngue, é possível observar o desenvolvimento de narrativas em Língua de Sinais, onde os sujeitos surdos passam a sentir-se representados no mesmo contexto. De acordo com este enunciado, Harrison (2000) refere

que essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma.

No Brasil, a garantia deste direito se deu através da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, no governo de Fernando Henrique Cardoso. Com esta Lei, os surdos tiveram diversos direitos como garantia; sendo um deles, a Libras, como segunda Língua Oficial do Brasil, com regras gramaticais próprias, sendo uma língua autônoma, ou seja, não necessita do português para existir. Por isso, após alguns anos de lutas e batalhas, finalmente a filosofia bilíngue trouxe ao surdo a possibilidade de criação e reinvenção que englobou dentro da literatura, dando-lhe a oportunidade de criar poemas, músicas, obras literárias e muito mais.

Deste modo, na educação bilíngue, os surdos podem ter contato com diversas situações possíveis na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), além do contato direto de surdos com outros surdos, além de conseguirem maiores e melhores direitos linguísticos, sendo representados de fato, na comunidade surda social. Assim, Correia e Cunha, (2021, p.65) concordam que:

A proposta bilíngue pressupõe que duas línguas de igual status linguísticos estão em contato constante dentro do seu método de aprendizagem e alfabetização. A Língua Portuguesa como a segunda língua, e a LIBRAS como primeira língua do surdo. Nestes locais bilíngues, todas as comunicações e interações são feitas nas duas línguas.

Deste mesmo modo, inclusão de surdos tem sido um tema recorrente nas discussões a respeito das barreiras comunicacionais presentes na sociedade. Essa dificuldade decorre da falta de conhecimento dos ouvintes em relação aos surdos enquanto minoria linguística [...] assim, os sujeitos surdos formam uma minoria linguística usuários da Língua Brasileira de Sinais - Libras, por isso a Língua de Sinais é muito importante e os direitos dos surdos precisam ser preservados (Ribeiro e Biernaski, 2013).

Para Gesser (2009), o discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o discurso da diversidade, do reconhecimento linguístico e cultural das minorias surdas. A surdez é construída na perspectiva do déficit, da falta, da anormalidade. O “normal” é ouvir, o que diverge desse padrão deve ser corrigido, “normalizado”. Nesse processo “normalizador”, abrem-se espaços para a estigmatização e para a construção de preconceitos sociais. E, com um discurso tão forte e tão reforçado pela grande maioria, fica difícil pensar a surdez sob outro prisma, ou seja, pensar a surdez como diferença.”

Logo, Goldfeld (1997, p.67) ressalta que:

A melhor opção educacional para a criança surda é o bilinguismo, pois expõe a uma língua, de fácil acesso, a língua de sinais, que pode evitar o atraso da linguagem e possibilitar um pleno desenvolvimento cognitivo, além de expor o surdo à linguagem oral, se a família assim desejar.

Neste ponto, observamos que os sujeitos surdos são marcados por acontecimentos negativos, mas é na filosofia do bilinguismo que ele passa a atribuir sentido de leitura em seu mundo, e posto em prática o que Gumbrecht (2010) conceitua como “sentido de presença”, quer dizer, analisar as experiências que um objeto nos possa trazer. Assim, a partir da Literatura Surda, é que este público passa a desabrochar em suas leituras e escritas.

Portanto, podemos compreender que cada filosofia vem adotando uma concepção de ensino, sendo que cada uma delas tem a sua particularidade. Enquanto no método oral era dado o enfoque somente na fala, já na comunicação total podemos perceber que não só a fala era o principal objetivo, mas a Língua de Sinais já passa a ser percebida, então é com a filosofia bilíngue que conseguimos evidenciar que de fato todos os surdos podem ser educados, pelo fato de terem uma língua que foi reconhecida aqui no Brasil.

3. O ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ALUNO SURDO

Neste capítulo serão abordados o conceito e a importância do nosso idioma brasileiro para os surdos e como este atravessa a ponte da inclusão e do reconhecimento. Segundo Assis (2011), ela é falada em 8 países, conhecidos como países lusófonos, sendo eles: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe, Portugal e Timor-Leste. Assim, entender um breve contexto de como a nossa Língua se originou, se faz de suma relevância para a compreendermos no contexto educacional dos surdos, comprovando assim a sua importância.

Para tanto, o conceito de Língua Portuguesa é trago no viés histórico, em que abordamos como se origina, que vem de raízes latinas, com enfoque no latim vulgar e como acontece, com a romanização da Península Ibérica que sofreu fortes ataques de outros povos que contribuíram para a influência do Português. Trouxemos também os três períodos da história do português que se destacam como o arcaico, clássico e moderno e como aconteceu a divisão do galego-português, idioma adotada pelos galegos, que logo foi deixado no decorrer dos tempos.

Vale salientar que foi a partir da chegada dos portugueses ao Brasil que iniciou-se um novo olhar para dentro da literatura. Ressaltamos que, a sua devida importância para os surdos se dá no âmbito da escrita, pois pelo fato de não ouvirem, necessitam aprender a escrever o português. Destacamos também algumas esferas que são importantes para a construção da cultura e identidade surda.

3.1 Definição de Língua Portuguesa para os surdos

A Língua Portuguesa falada em vários outros países como ditos acima, é uma língua neolatina, ou seja, é descendente da língua oficial do Império Romano, ela possui duas variações, sendo, o latim clássico *sermo urbanus* que era falado pela elite, fazendo o uso das

regras gramaticais de forma correta na escrita, e o latim vulgar, *sermo vulgares*, falado pela plebe, camponeses e soldados. Por isso, é que Salles *et al.* (2004) complementa que a Língua Portuguesa se originou com as línguas como, o romeno, italiano, francês, catalão e espanhol e que todas elas fazem parte da mesma família linguística. Dessa forma, podemos perceber que a Língua Portuguesa juntamente com as outras línguas citadas, fazem parte da mesma conjuntura, onde tem como tronco o indo-europeu que se ramifica no italiano, que vai até o latim, e desse, chega ao português. Segundo Salles *et al.* (2004, p.22):

Como se sabe, a difusão do *latim* se dá no contexto da expansão do Império Romano, que alcança seu apogeu entre os séculos I a. C. e I d. C. A história da língua portuguesa começa, portanto, com a romanização da península ibérica, iniciada em 197 a. C, com a dominação dos povos celtiberos. No século V d. C, o declínio do Império favorece a penetração dos povos germânicos, levando à queda de Roma em 476 d. C. Na península ibérica, a ocupação germânica é suplantada pela invasão árabe, no século VIII.

Nesse raciocínio, é possível identificar que a Língua Portuguesa tem influência dos celtas, árabes e germânicos. Com a invasão dos celtas, a Península Ibérica sofreu muito e logo com o passar do tempo surgiram mais ataques de outros povos como os gregos, fenícios que se alojaram em várias partes dela. Com este último ataque, de acordo com Souza (2020) os celtiberos pediram ajuda para os romanos, e eles imediatamente atenderam. Então, Roma domina a Península em vários setores tanto militar como cultural determinando a sua língua, no caso, o Latim. Assim, o uso do Latim vulgar era obrigatório em quase todas as transações tanto comerciais, quanto no serviço militar, então ela passou a ser lecionada nas escolas e com isso, a Península se torna romanizada tanto linguisticamente como politicamente.

Com a invasão dos árabes, que durou por volta de sete séculos, a Língua Portuguesa não teve muita influência no âmbito do léxico, restando somente algumas palavras. Nesse sentido, Souza (2020, p.12) constata que “aproximadamente mil vocábulos de origem árabe, caracterizados pelo prefixo AL, artigo definido árabe, como em álgebra, algibeira, álcool etc.” restaram como influência para a Língua Portuguesa. Apesar de os árabes possuírem uma grande riqueza em sua cultura, não conseguimos identificar um forte impacto no conjunto das palavras.

Conforme Salles *et al.* (2004), os árabes só foram expulsos definitivamente em 1492, com a chegada dos reis católicos, que vieram de Castela, sendo eles, Isabel e Fernando que se apoderaram do governo de Granada. Então, alguns acontecimentos, como a reconquista, são

fatores determinantes para a formação das três línguas peninsulares: o castelhano, no centro; catalão a leste e o galego-português a oeste.

Neste raciocínio, é que Salces (2016, p.108) afirma o seguinte:

Em 1093, o rei de Leão e Castela entrega o governo da região do Porto (à época, Condado Portucalense) a Henrique de Borgonha pelo casamento com a sua filha Teresa de Leão. Esta, depois da morte do marido, tenta alargar os seus domínios e conseguir autonomia, aliando-se a alta nobreza galega contra Leão e Castela, porém encontrou a oposição de seu filho, Afonso Henriques, que se opunha a união galego-portuguesa. O fato originou uma revolta liderada pelo filho, que, em 1128, venceu a batalha contra as forças de sua mãe e assumiu o governo do condado. Em 1139, após importante vitória contra um contingente mouro, conquista a cidade de Lisboa e, com o apoio das suas tropas, e aclamado rei de Portugal. Nascia então o Reino de Portugal, com capital na cidade do Porto (antes chamada de Portugal) e, que deu origem ao nome Portugal).

Portanto, podemos perceber que o rei da época entrega o governo para o seu genro, mas logo depois que ele morre, sua filha tenta alargar-se para outros territórios, mas seu filho não concorda com tal atitude, não querendo a união com o galego-português e, com isso, ele se rebela contra sua mãe e a vence em batalha, passando a assumir o reinado de Portugal. Logo após, em 1143, o rei Leão e Castela passa a reconhecer a independência portuguesa.

Com a expansão de Portugal para o sul, acontecia também o processo de diferenciação linguística entre os falares dos galegos que ficou estagnado e dos portugueses que evoluiu, e, com isso, o português se torna independente. Foi a partir daí que surgiu a expressão galego-português. Com essa evolução do português, ela acabou se tornando a língua de uma nação. Souza (2020 p.13) afirma que surgiu o primeiro texto em língua portuguesa “A Cantiga do Ribeirinha, datado de 1189, de autoria de Paio Soares de Taveirós, dedicado a Dona Maria Pais Ribeiro, por alcunha - A Ribeirinha, amante de D. Sancho I. X”.

Assim é que, para Souza (2020), a Língua Portuguesa se apresenta em três formas distintas: Pré-Histórica, que se inicia nas origens da língua indo até o século IX; a Proto-Histórica indo do século IX ao XII; e a histórica que vai do século XII, até os dias de hoje. Por isso, a Língua Portuguesa abrange o período arcaico no século XII ao XVI, que é quando surge os textos em prosa e poesia.

Eis que Salces (2016) complementa que autores concordam que na história da língua, existem três períodos, o arcaico com as cantigas dos trovadores; clássico, a língua utilizada em “Os Lusíadas”; contemporânea ou moderna que é usada por Eça de Queiroz e Machado de Assis. Em decorrente dos fatos narrados, é importante descrever de que forma aconteceram os três momentos da história da nossa língua. Salces (2016, p.109) discorre que:

O período arcaico do português é marcado pelos primeiros documentos escritos, no século XII, e vai até meados do século XIV (lembrando sempre que essas datas são estimadas). Vários estudiosos dividem esse período em primeira e segunda fase. O que seria considerado a primeira fase do português arcaico e conhecido como galego-português. Tal língua coincide com a criação do Reino de Portugal. Além de ser adotada pelos moçárabes, muçulmanos que tinham permanecido na península, foi adotada também por outros grupos que se deslocavam do Norte para o Sul, ocupando as terras abandonadas pelos árabes.

À vista do exposto, o primeiro momento foi o arcaico que engloba justamente o galego-português, idioma da Galiza, que hoje compreende a Espanha, que foi exposto acima, mas o importante aspecto aqui, é que, além de ser criado o Reino de Portugal, é iniciado os estudos gramaticais da língua portuguesa, assim, os textos eram de difícil entendimento por possuir uma linguagem rebuscada.

A duração desse período foi até o início das grandes navegações portuguesas, em 1415, tendo como um dos primeiros documentos escrito “O Testamento de Afonso II” em 1214. Para Salces (2016, p.110) seu fim só é consolidado com a obra “Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões, em 1572”, ou seja, quando a Língua Portuguesa teve uma maior cristalização da sua variante formal por meio da epopeia, dando início para alguns estudiosos, o que entendemos como português clássico que é a forma da língua mais próxima do nosso português. Assim, as cantigas trovadorescas tiveram um marco significativo na literatura desse período.

O período clássico é o mais familiar por aparecer, segundo Salces (2016, p.112) com:

[...] algumas importantes mudanças no vocabulário e na sintaxe da língua ocorreram. O século XVI foi um século de preocupação com o estabelecimento da língua portuguesa, uma vez que é a língua que confere identidade, legitimidade e reconhecimento de um povo frente aos demais.

Com efeito, as primeiras gramáticas passam a surgir a partir desse momento. Acontece aqui, a regularização da língua, optando-se pela língua usada na Idade Média, mesclando com a de uso na época, por isso, muitos escritores trouxeram um grande enriquecimento quanto ao léxico da língua.

Segundo Salces (2016) no período moderno ou contemporâneo, o português mostra-se mais achegado [aproximando] ao atual, isso é perceptível quanto a morfologia e a estrutura das frases. Nos séculos XIX e XX, surgem novas contribuições para o vocábulo português, que com o surgimento das tecnologias (como a televisão e o automóvel) nasce a necessidade de se apropriar de termos de origem greco-latina.

Por isso, é de suma relevância entender o breve contexto de como aconteceu o período histórico da nossa Língua, podendo diferenciá-los, e de como veio a evolução desta, sendo dado ênfase nas obras e autores que mais marcaram cada período. Portanto, podemos nos perguntar, e como esse idioma se tornou a Língua oficial da nação brasileira? De onde veio? Para responder essas perguntas Salles *et al.* (2004, p.22) diz:

Com as grandes navegações, em particular o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral, em 1500, Portugal estabelece possessões na Ásia, na África e na América, com consequências importantes e definitivas para a geopolítica do mundo ocidental e para a difusão da língua portuguesa. No Brasil, acontecimentos como a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, são decisivos na preservação de valores políticos e culturais portugueses, destacando-se a afirmação da língua portuguesa e sua difusão no amplo território brasileiro.

Segundo Assis (2011), o Brasil era povoado pelos índios que aqui estavam antes dos portugueses, mas estes avistaram a terra, e por serem um povo com a cultura mais ampla, as histórias narram que os portugueses “descobriram” o Brasil através das grandes navegações, com início no século XV, envolvendo alguns reinos da época, no caso, Portugal e Espanha. Aqui, acontece a expansão marítima e comercial da Europa, com a tentativa de descobrir novos produtos para vender. Como o Brasil já estava sendo povoado pelos índios e europeus, chega também alguns escravos sendo importados da África, constituindo assim a base da população brasileira.

A colonização passa a acontecer no ano de 1532, de início, acontece somente no litoral, depois como foi fundado São Paulo, começou-se a entrada para o interior. Assis (2011), diz que a primeira capital brasileira foi Salvador e depois Rio de Janeiro que preencheram questões administrativas e políticas, pois culturalmente e intelectualmente era ilimitada. É importante salientar, como o Brasil, nesse período estava em processo cultural limitou-se nestes aspectos importantes do intelecto de um povo. Para Cunha (1997, p.62):

No período de que estamos tratando a situação linguística do Brasil pode ser assim resumida. Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum.

Á vista do exposto, no viés linguístico, é compreensível que, os três povos que aqui habitaram trouxeram um grande marco significativo para nossa língua que passa a determinar uma língua geral, no caso, o tupi, a língua principal dos indígenas. Ainda, segundo Cunha

(2021), durante muitos anos o tupi e o português andaram juntas como meio de comunicação, mas no século XVIII, o tupi entra em declínio por diversos fatores como a vinda dos imigrantes com a descoberta do ouro, e também foi proibido o uso da língua geral por Marquês de Pombal, sendo obrigatório o uso da Língua Portuguesa.

Ainda no século XVIII, acontece a independência do Brasil, e a partir disso começou-se a valorizar e buscar por registros na peculiaridade do português do Brasil, tendo em vista uma autonomia na literatura, alguns pontos foram considerados pertinentes que se diferenciavam da metrópole como: “muitos traços da oralidade e palavras, antes tidos como provincianismos e passaram a documentos com maior frequência” (Assis, 2011, p.153). Nesse sentido, para o campo literário sentiu-se uma maior liberdade para analisar sobre óticas diferentes nas quais não se conseguia ver antes. Acontece dentro desse século, a imigração, em que muitos desses povos que aqui estiveram aprenderam a falar o português, pois esta passou a ser língua ensinada nas escolas, dos rádios, da conversa no cotidiano e da nossa literatura.

Insta esclarecer, com base no breve contexto histórico da Língua Portuguesa que vai desde de onde, como surgiu e sua chegada ao Brasil, é importante destacar a sua importância para alunos surdos que são falantes tanto da Língua de Sinais como Língua Portuguesa que foi reconhecida pela Constituição Federal de 1988 como a Língua majoritária do país.

Após realizarmos estas análises, conseguimos compreender o desenvolvimento da Língua Portuguesa, até a sua realização plena para diversas comunidades, é imprescindível, não só para os sujeitos ouvintes, mas para a comunidade surda também.

Segundo Santos e Goes (2016, p.17), “o desenvolvimento oral da Língua Portuguesa em crianças surdas deve ser feito desde o nascimento” com acompanhamento de fonoaudiólogo, professor e outros profissionais que colaborem para interação da criança com seus familiares. No âmbito escolar, as metodologias e estratégias precisam atender as suas especificidades. O estudante surdo precisa de um suporte visual para aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita, por isso não tem como seguir modelo de ensino ouvinte para estudantes surdos, eles não conseguem fazer assimilação de conteúdo a partir do que é oralizado. Por isso, Salles *et al.* (2004, p.18) nos afirma que:

A aquisição/aprendizagem da escrita, sobretudo quando se trata da elaboração de textos, pressupõe, portanto, uma tarefa imprescindível: o ato de ler, que, para o aprendiz ouvinte, se processa tanto oral como silenciosamente, já para o surdo, a leitura silenciosa é certamente a técnica mais recorrente. Acrescente-se que, nesse caso, os recursos gráficos e visuais constituem um instrumento auxiliar de excelência.

Dessa forma, o ensino da Língua Oral precisa conter recursos visuais para que os surdos consigam aprendê-la, sendo importante frisar, a parte escrita para ser desenvolvida no sujeito surdo, pois era utilizada na Antiguidade por pessoas letradas que a usavam para transmitir o saber, mas com o passar dos séculos, essa ideia foi sendo mudada, tornando-se acessível a todos, desde o letrado até ao iletrado. Para isso, é necessário o contato desde o nascimento com a Língua de Sinais e ter um relacionamento com outros surdos, pois será “uma das estratégias satisfatórias e gratificantes para o seu desenvolvimento cognitivo, racional e reflexivo” (Campello, 2005, p.10).

Cumprе salientar, a escrita vai fazer com que o surdo aprenda a interiorizar as letras, palavras, semântica, sintaxe, código, mensagem para o desenvolvimento do seu raciocínio, ideias e pensamentos, fazendo com que mais tarde ele aprenda a escrever uma mensagem e até mesmo expressar suas emoções através das palavras. Qual incentivo um surdo terá para aprender a Língua Portuguesa, se esta, dentro das suas características, é cheia de regras gramaticais?

Para responder esta pergunta Campello (2005, p. 11) diz:

É importante deixar que eles se desenvolvam cotidianamente com uma participação ativa através do trabalho denominado “motivação” e “explicações” dos enunciados ou da significação “da língua portuguesa. Afinal, eles se interessam muito em ler e entender o significado, mas se deparam com a insegurança dos professores que são usuários da língua portuguesa e não conseguem repassar as informações culturais dos significados, do léxico e da estrutura da primeira língua dos surdos.

O ponto chave que iremos abordar aqui, é a motivação, o surdo precisa sentir-se motivado para interagir com a escrita, até porque o conhecimento é adquirido com base no convívio e nas vivências que os surdos têm, para que seja utilizado meios que os tragam entendimento do português, essa motivação por parte do professor, pode ser feita pelo uso do celular, de revistas infantis entre outros recursos.

Em suma, o eixo principal a ser desenvolvido no sujeito surdo é a escrita, claro que a partir disso, vários outros pontos serão trazidos à tona. Ambas as línguas precisam ser vistas com um olhar minucioso, pois o importante é que o surdo, além de saber a sua língua materna, também tem que compreender o português, para que saiba se expressar através de textos, mensagens entre outras formas de comunicação escrita.

3.2 Língua Portuguesa e Comunidade Surda: uma ponte para a inclusão e o reconhecimento

A Língua Portuguesa, em sua versatilidade, tem um papel relevante, ao se tratar da comunidade surda brasileira, pois ela se configura, não apenas como ferramenta de comunicação, mas como uma ponte que conecta culturas, abrindo portas para oportunizar e fortalecer a identidade surda. Portanto, apontaremos a importância da Língua Portuguesa para a comunidade surda que se realiza em diversos contextos, tais como: educação, vida profissional, participação no contexto social, religioso, cultural, dentre outras esferas.

Segundo a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras não substitui o português, pois, o parágrafo único salienta que “A Língua Brasileira de Sinais- Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (Brasil, 2002, s.p). Assim, ao trabalhar e aprender as duas línguas, os surdos promovem o bilinguismo, como já dito aqui, a melhor forma de educar os sujeitos surdos, garantindo uma plena participação social.

Dentro do contexto educacional, Santos e Goes (2016, p.13) declaram que:

[...] as crianças surdas, em geral, não têm a mesma imersão linguística dos ouvintes, logo, isto demanda para a família, escola e demais ambientes sociais frequentados pela criança que haja a oferta de condições diferentes para comunicação, socialização e aprendizagem. Isso ocorrerá por meio da aquisição da língua de sinais, no caso do Brasil a LIBRAS, e também, pelo aprendizado da Língua Portuguesa, na modalidade escrita (ou oral em alguns casos, se a família desejar e a criança tiver condições para esta aprendizagem.

À vista do exposto, podemos compreender **que** no âmbito educacional, é preciso haver condições de aprendizagem em todos os ambientes **que** o surdo está inserido para **que** ele possa de fato aprender, portanto saber o grau de surdez, se foi adquirida ao longo da vida ou se é congênita, são pontos importantes quanto a **que** tipo de atendimento esse aluno vai receber. Desse modo, o próprio CNE- Conselho Nacional de Educação aborda **que** a melhor forma de educar, seria o bilinguismo, porém a cabe a família escolher a melhor forma pedagógica de ensinar seu filho surdo.

Nesse sentido, um outro ponto deve ser levado em consideração, que é o separar dos “momentos de aprendizagem da Língua Portuguesa e da LIBRAS deve-se ao fato de querer evitar o bimodalismo (mistura das estruturas da Língua Portuguesa com as da língua de sinais), o que prejudica o processo de ensino e aprendizagem do indivíduo” (Santos; Goes, 2016, p.13). É necessário que haja essa separação para que os alunos não fiquem confusos com a estrutura de ambas as línguas, mas que sejam capazes de se desenvolverem, pois, o conhecimento de duas línguas fará com que o surdo tenha total domínio com relação as

estruturas linguísticas, sendo capaz de desenvolver a criticidade e se comunicar de várias formas, tanto através da Libras como da escrita do português.

Na vida profissional, aos surdos não lhes era permitido o direito ao trabalho, como dito no capítulo I, eles eram repudiados pela família e pela a sociedade. Hoje, essa realidade tem sido mudada, conforme podemos perceber com a Lei 10.536, de 24 de abril de 2002, obriga as empresas a oferecerem 5% das vagas para candidatos surdos, ainda é uma porcentagem baixa, mas já foi um grande avanço para esta comunidade.

Para Skliar (2010) muitos familiares de surdos enfrentam grandes dificuldades, no que diz respeito ao desemprego e pobreza, com isso estes buscam auxílio e apoio em movimentos de surdos e nas escolas. Logo, condições de sobrevivência devem ser impostas para que alunos surdos possam ser capacitados para o mercado de trabalho, como tem acontecido nas grandes cidades aqui no Brasil, onde são ofertadas oficinas em várias áreas para que eles possam aprender.

Portanto, essa realidade é diferente no interior do país, onde não se tem todos estes incentivos desde o início da infância pela média da escolaridade ser baixa. Nesse sentido, Skliar (2010, p.83) assinala que:

[...] essas escolhas de atividades profissionais são, em grande parte, motivadas pela crença de muitos pais e educadores de que a informática, por exemplo, é a atividade ideal para os surdos. Outros projetos privilegiam ofícios que não exigem escolaridade mais avançada, mas que possibilitam um trabalho mais individual, sem a necessidade de contato frequente com o público.

Conseguimos perceber que muitos surdos conseguiram o direito de serem inseridos no mercado de trabalho, passando a assumir funções assim como os ouvintes, claro que, nessa perspectiva, ainda vemos que as funções que estes surdos trabalhadores exercem são como, por exemplo: serviços gerais, almoxarifado, ao que podemos notar que são funções que não precisam estar diretamente com o público. Vale destacar, para que eles consigam adentrar nas empresas, é preciso domínio da escrita, pois sabemos, que há um protocolo antes que uma pessoa seja admitida, como a prova, entrevista e às vezes até redação, por isso é com a contribuição da Língua Portuguesa que isso acontece.

No que diz respeito a participação social, na atualidade é notório a presença dos surdos em associações, nos jogos e em outros lugares dentro da sociedade. Portanto, Quadros (2019) salienta que, as crianças, desde pequenas, que possui os pais surdos, crescem com a Libras como base no convívio com outros surdos e que hoje em dia com o avanço tecnológico,

muitos deles se encontram virtualmente de várias partes do país. Por isso, esse convívio faz com que os surdos se desenvolvam tanto socialmente como linguisticamente, pois uma língua necessita que seus falantes façam seu uso com frequência para uma melhor aquisição.

Nesta esteira, Quadros (2019) salienta que foi criada a CBDS- Confederação Brasileira de Esportes de Surdos que envolve todo o território nacional com objetivo de promover atividades esportivas para os surdos que são atletas. À propósito, com a criação desta confederação, contribuirá para que eles possam interagir e se sentirem incluídos em todas estas esferas que até agora foram citadas.

No religioso, “as igrejas tiveram um papel fundamental na constituição da Libras como língua nacional” (Quadros, 2019, p.37). Dentre as instituições tem a Pastoral de Surdos da Igreja Católica, as igrejas evangélicas e outras instituições. Insta esclarecer, que todas essas instituições tiveram um marco significativo para a comunidade surda, que agregou um grande enriquecimento para a cultura dos surdos.

Dessa forma, hoje em dia, as igrejas, tanto católica quanto evangélicas tem se preocupado em estabelecer comunicação com os surdos através da Língua de Sinais que é ofertada por vários intérpretes voluntários que visam repassar o ensino religioso ali aplicado. Em suma, estes pontos colaboram para a formação da identidade surda que se dá a partir da relação com o outro, pois sem o outro não há como se estabelecer relacionamento.

Segundo Quadros (2019, p. 35) “a língua é uma prática social que carrega cultura e estabelece identidades”. Com base nisso, podemos destacar um outro fator que é o cultural, enquanto seres culturais, os surdos bem como os ouvintes, também possui cultura. É com as festas comemorativas das associações de surdos que eles se sentem abraçados e importantes por poderem se relacionar entre si, sendo que cada um, com sua maneira de ser, contribui para a formação da identidade surda.

Skliar (2010, p. 56), afirma que “a cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual”. Dessa forma, é indubitável esclarecer que para a cultura surda o visual é o que prevalece e não o auditivo e isso não pode se misturar, pois os signos auditivos são pertencentes à cultura ouvinte.

Ao reconhecer a importância da Língua Portuguesa para a comunidade surda, colaboramos para um futuro mais justo e inclusivo, onde é possível atravessar a ponte e trilhar por dois caminhos que se fazem necessários para o desenvolvimento em todas as esferas que foram citadas acima, sendo relevante ressaltar, que mesmo que cada uma delas tenham suas

particularidades, porém, juntas podem ocasionar mudanças muito significativas para a sociedade linguística.

Em suma, é relevante afirmar que a Língua Portuguesa contribui para o desenvolvimento da identidade surda em todas as esferas supracitadas acima, pois eles conseguem interagir, se relacionar em vários ambientes e o principal, conseguem se comunicar e repassar de alguma forma o que sentem ou pensam com relação a qualquer assunto, por isso, as associações são de suma relevância para a comunidade surda.

4 METODOLOGIA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

Neste capítulo serão abordadas algumas metodologias de ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos bem como o papel do professor no processo de ensino aprendizagem que deve ser um dos pontos cruciais que serão apontados durante a investigação da pesquisa. Com efeito, apontaremos algumas questões no que diz respeito à estrutura gramatical de ambas as línguas em questão, trazendo também a respeito da capacitação dos professores em que é abordado pela própria Lei da LIBRAS 5.626/2005.

São descritas algumas competências que o professor deve ter para o processo de ensino e aprendizagem destes alunos e a importância da leitura para o desenvolvimento da parte escrita deles, pois veremos alguns pontos que colaboram para que isso aconteça, sendo que a análise dos textos deve ser proposta pelo professor seguindo algumas dicas fundamentais que auxiliam no processo do mesmo.

Após a discussão, abordamos sobre o ensino da Língua Portuguesa, subdividindo em dois itens: Metodologias de Língua Portuguesa como processo de aprendizagem ao educando com surdez e materiais didáticos desenvolvidos para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos do 1º ano do Ensino Médio.

4.1 Metodologias de Língua Portuguesa como processo de aprendizagem ao educando com surdez

A metodologia é o caminho que será percorrido durante o desenvolvimento de uma aula, em que o professor adotará métodos para que esta ocorra com êxito. Portanto (Minayo, 2010 *apud* Menezes *et al.* 2019, p.62) define a metodologia como “mais uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetos de estudo”. Partindo desse conceito, observamos que os professores necessitam de métodos adequados para conseguir uma aula mais dinâmica, acessível e inclusiva. Antes de idealizar as suas metodologias, o professor precisa compreender o espaço em que estará trabalhando, no caso dos surdos, é importante que o docente passe a conhecer a base da Língua de Sinais, podendo até procurar um curso de gramática da Libras, para idealizar melhor a construção de suas aulas expositivas.

Aprender, compreender e se desenvolver através da Língua Portuguesa é crucial, pois é por meio da sua colaboração que os indivíduos de modo geral se desenvolvem linguisticamente. Assim, o educando com surdez pode ter acesso a informação, autonomia, se desenvolver pessoal e profissionalmente, além de colaborar com o seu desenvolvimento cognitivo, pois através dos estudos é possível compreender melhor o aprendizado do português. Desse modo, Campello (2005, p.16) aponta que:

Ensinar ao Surdo uma segunda língua, a língua portuguesa, é como ensinar outros sujeitos estrangeiros que vêm morar em nosso país. Encontraremos as suas diferenças culturais e de ordem gramatical, como fonética (ou quimera), sintática, semântica e todas as estruturas que englobam esta língua. Para produzir e mostrar os seus significados, só é possível se os Surdos tiverem na sua base a primeira língua ou língua materna, que pode ser adquirida através dos pais Surdos ou de contato com outros Surdos da mesma comunidade surda.

Por isso, é de suma relevância o ensino das duas línguas, pois uma complementa a outra, fazendo com que os surdos saibam diferenciar a estrutura gramatical que existe entre ambas, mas para que isso aconteça, primeiro precisam ter o domínio da primeira Língua – LIBRAS para depois dominarem a parte escrita do português como mencionado no capítulo anterior. Por tanto, necessitamos entender como funciona a estrutura das duas línguas. Para a compreensão, veremos o que Quadros e Campello descrevem sobre isto.

Segundo Quadros e Karnopp (2004) a Língua de Sinais, assim como a Língua Portuguesa possui estrutura gramatical em todos os níveis que fazem parte de uma língua: fonológico, morfológico, sintático e pragmático. Assim, podemos compreender que não se

trata de uma língua isolada, sem estrutura, pelo contrário, é toda estruturada e possui regras, gramática e parâmetros assim como as outras línguas.

Nessa perspectiva, Campello (2005, p.16) afirma que “na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) existe cinco parâmetros, os quais são: configuração de mãos, ponto de articulação, orientação, movimento e expressão facial/ corporal”. A seguir, explicaremos como funciona cada um dos parâmetros supracitados.

Configuração de Mãos são as posições, a forma em que a mão fica como, por exemplo, o alfabeto manual em que cada letra do alfabeto assume uma posição diferente. O Ponto de articulação é o local que o sinal é feito, se na testa, boca, ou outra parte do corpo. A orientação da mão, se é para baixo, para cima, lateral. O Movimento, se é circular, retilíneo, frente, atrás e a expressão facial/corporal sinais feitos quando se faz uma pergunta ou demonstra os sentimentos, se triste, com raiva, alegre, é, portanto, como se fosse entonação vocal na Língua Portuguesa, como, por exemplo, quando se faz uma pergunta, a entonação vocal é de um jeito, porém se faz uma afirmação já muda.

Todos estes pontos são importantes para a internalização do processo de aprendizagem dos surdos e dos professores, pois antes de se adentrar nos métodos, é necessário compreender quanto à estrutura das línguas apontadas aqui em questão. Neste raciocínio, Salles *et al.* (2004) defendem que quanto mais o professor inserir os surdos nas atividades propostas, mais eles irão se desenvolver obtendo melhores resultados.

Para Pereira (2014) o professor carrega grande parte da responsabilidade por ser o mediador do conhecimento, devendo assumir o domínio nas duas línguas. Dessa forma, o professor precisa procurar se especializar para que este ensino possa ser de qualidade para estes alunos. Nesse âmbito, veremos o que diz Diniz (2021, p.11):

A inclusão de alunos surdos na escola regular implica em muitos desafios a serem vencidos. Dentre os quais destacamos a capacitação de professores que precisam conhecer a especificidade linguística do surdo e suas implicações para que possam desenvolver e ministrar aula para os alunos surdos de forma adequada. Em se tratando de professores de Língua Portuguesa, estes precisam estar capacitados para o ensino do Português como L2 para surdos conforme assegurado na alínea ‘c’ do parágrafo primeiro, Art. 14 de Decreto 5.626/2005.

Com base no exposto, podemos dizer que um professor apto para o ensino de Língua Portuguesa para surdos necessita estar totalmente capacitado para desenvolver a função, não deve ser de qualquer jeito, pois estamos tratando do ensino de cidadãos que possuirão uma carreira profissional que será desenvolvida durante seu percurso escolar. Portanto, a própria Lei trata sobre isto.

Nesse raciocínio, Perrenoud (2000) explica dez novas competências para ensinar, que são: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar as novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão e administrar sua própria formação contínua. Por isso, há de se perceber perfeitamente que o professor precisa ser capaz de mediar o conhecimento proporcionando uma qualidade no ensino.

Neste viés, será destacado aqui métodos para ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos. Salles *et al.* (2004) enfatizam sobre a importância de ler, pois um aluno em nível de ensino médio já é para ter o domínio da leitura, pois esta modalidade é para ter sido desenvolvida nas séries iniciais. Sobre a importância da leitura para o desenvolvimento do aluno surdo na escrita, Salles (2004, p.20-21) diz o seguinte:

A leitura deve ser uma das principais preocupações no ensino de português como segunda língua para surdos, tendo em vista que constitui uma etapa fundamental para a aprendizagem da escrita. Nesse processo, o professor deve considerar, sempre que possível, a importância da língua de sinais como um instrumento no ensino do português. Recomenda-se que, ao conduzir o aprendiz à língua de ouvintes, deve-se situá-lo dentro do contexto valendo-se da sua língua materna (L1), que, no caso em discussão, é a LIBRAS. É nessa língua que deve ser dada uma visão apriorística do assunto, mesmo que geral. É por meio dela que se faz a leitura do mundo para depois se passar à leitura da palavra em língua portuguesa. A língua de sinais deverá ser sempre contemplada como língua por excelência de instrução em qualquer disciplina, especialmente na de língua portuguesa, o que coloca o processo ensino/aprendizagem numa perspectiva bilíngue.

Logo, a leitura é um dos pontos cruciais para este ensino aos surdos, partindo sempre da primeira língua- LIBRAS para que se desenvolva o português, sendo salientado que este surdo carece de ser situado dentro do contexto da sua língua natural para saber fazer a leitura da palavra. Observamos sempre que este ensino está palpável dentro da perspectiva bilíngue.

Segundo Pereira (2014) a pouca leitura dificultava para os surdos gostarem de ler, pois antes em um ensino tradicional, eles eram postos a fazerem a decodificação do código, mas não compreendiam o que liam. Dessa forma, estes alunos só conseguem entender o português através da visão, daí a importância de investimento nos recursos visuais.

Ainda segundo Pereira (2014) a leitura deve ser feita a partir de textos interessantes, os surdos precisam ter o contato com o texto desde o ensino infantil para já então chegarem ao ensino médio estimulados a lerem, para que isso aconteça, o texto deve ser lido pelos alunos e professores e estes passam o conteúdo através da Língua de Sinais, sendo basicamente um

escritor e interlocutor no processo de elaboração dos textos. Vale ressaltar, a importância de o professor interpretar os textos da Língua Portuguesa para Língua de Sinais, possibilitando assim aos surdos o domínio escrito.

Cumpra salientar, alguns procedimentos que são de suma relevância no processo de aprendizagem dos surdos, segundo Salles *et al.* (2004, p.22-23):

Analisar e compreender todas as pistas que acompanhem o texto escrito: figuras, desenhos, pinturas, enfim, todas as ilustrações; identificar, sempre que possível, nome do autor, lugares, referências temporais e espaciais internas ao texto; situar o texto, sempre que possível, temporal e espacialmente; observar, relacionando com o texto, título e subtítulo; explorar exaustivamente a capa de um livro, inclusive as personagens, antes mesmo da leitura; elaborar, sempre que possível, uma sinopse antes da leitura do texto; reconhecer elementos paratextuais importantes, tais como: parágrafos, negritos, sublinhados, travessões, legendas, maiúsculas e minúsculas, bem como outros que concorram para o entendimento do que está sendo lido; estabelecer correlações com outras leituras, outros conhecimentos que venham auxiliar na compreensão; construir paráfrases em LIBRAS ou em português (caso já tenha um certo domínio); identificar o gênero textual; observar a importância sociocultural e discursiva, portanto pragmática, do gênero textual; identificar a tipologia textual; ativar e utilizar conhecimentos prévios; tomar notas de acordo com os objetivos.

Ainda de acordo com Salles *et al.* (2004, p.23) pode-se apontar os aspectos microestruturais:

Reconhecer e sublinhar palavras-chave; tentar entender, se for o caso, cada parte do texto, correlacionando-as entre si: expressões, frases, períodos, parágrafos, versos, estrofes; identificar e sublinhar ou marcar na margem fragmentos significativos; relacionar, quando possível, esses fragmentos a outros; observar a importância do uso do dicionário; decidir se deve consultar o dicionário imediatamente ou tentar entender o significado de certas palavras e expressões observando o contexto, estabelecendo relações com outras palavras, expressões ou construções maiores; substituir itens lexicais complexos por outros familiares; observar a lógica das relações lexicais, morfológicas e sintáticas; detectar erros no processo de decodificação e interpretação; recuperar a ideia geral de forma resumida.

Diante do exposto, podemos compreender que todos estes itens são relevantes para que o surdo compreenda desde a capa de um livro, autor, personagens, palavras que se destacam no texto, associação de outras leituras para o texto que está sendo trabalhado, tipo de texto entre outros que foram citados aqui. Como é possível verificar, a leitura mais também o texto são aspectos essenciais para a aprendizagem dos alunos com surdez.

Assim, tendo em vista os fatores aqui supracitados, entendemos que a Língua Portuguesa é essencial em vários aspectos no ensino aprendizagem dos surdos, tendo como ponte um professor capacitado que propicie uma educação efetiva, partindo do pressuposto em que este assume a função de mediador do conhecimento e não só de detentor do mesmo.

Observamos que elementos como a leitura precisam ser bem trabalhados para a compreensão dos alunos surdos.

4.2 Materiais didáticos desenvolvidos para o ensino de Língua Portuguesa como segunda Língua para os alunos do 1º ano do Ensino Médio

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, é de suma relevância para o desenvolvimento das habilidades educacionais. Além disso, com o novo ensino médio, os alunos conseguem trabalhar de forma mais específica nas áreas que desejam seguir suas carreiras profissionais.

Através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) constatamos que no ensino médio, no 1º ano, são trabalhados os seguintes temas na Língua Portuguesa, tais como: leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica. Esses temas são basicamente os mesmos utilizados nos anos finais do Ensino Fundamental. Portanto, os campos de atuação social voltados à prática de linguagem do Ensino Médio são: campos da vida pessoal, artístico-literário; práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e atuação na vida pública.

Segundo a BNCC (2018, p.491-492) as habilidades e o progresso da aprendizagem levam em conta alguns pontos como:

A consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão. O aumento da complexidade dos textos lidos e produzidos em termos de temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos, orquestração de vozes e semioses. A ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, vide minutos, *games* etc. Inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana.

Supracitados somente alguns pontos que são importantes para a construção desse currículo. Podemos perceber que os assuntos estão em consenso com o que é trabalhado no ensino fundamental, isso porque, é relevante que seja enfatizado com mais precisão para que os alunos consigam desenvolver de forma plena o conhecimento adquirido.

São destacados o domínio dos gêneros do discurso, estrutura sintática, literatura juvenil e portuguesa, que são temáticas que irão corroborar para que os jovens se sintam mais motivados com a disciplina de Língua Portuguesa que por muitas vezes é temida nas escolas pelos ouvintes e ainda mais pelos surdos. Por isso, toda esta gama de conhecimento proporcionará um melhor desempenho no futuro dos jovens.

Através dos planos de ensinosa escolares, podemos visualizar melhor os conteúdos a serem trabalhados no 1º ano do Ensino Médio, como percebemos a seguir: literatura, variedades linguísticas, produção de texto: o poema, funções da linguagem, classicismo, figuras de linguagem, semântica, barroco, romantismo, gêneros digitais, acentuação, arcadismo, estrutura das palavras entre outros.

Quadro 1. Plano de ensino da Língua Portuguesa/Fonte: Escola C.E "Santos Dumont

PLANO ANUAL DE ENSINO – 2023						
ESCOLA: Centro de Ensino Santos Dumont		INEP: 21160066				
ETAPA DE ENSINO: Novo Ensino Médio		ANO/SÉRIE: 1º (A-B)		COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa		
PROFESSORA: Rejanne Sousa Reis Ribeiro						
PERÍODO	DESCRIÇÃO DAS HABILIDADES ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	METODOLÓGIAS	AVALIAÇÃO		
1º	<ul style="list-style-type: none"> • Ler produções literárias de gêneros diversos, identificando recursos expressivos peculiares a cada um deles. • Compreender os valores sociais implicados na variação linguística e o preconceito contra os valores populares em contraposição a normas absorvidas pelos grupos mais favorecidos socialmente; • Compreender a literatura em diferentes contextos de produção (ideologias, vozes sociais, outros textos, tradições, movimentos culturais etc.) • Compreender as diferenças existentes entre as tipologias e os gêneros textuais. • Refletir sobre a relação fala/escrita, consideradas essas modalidades dentro de um contínuo de variações, relacionando marcas específicas da oralidade às correspondentes da escrita. • Estabelecer relações entre a leitura e a interpretação de produções literárias e a compreensão dos problemas e das transformações sociais nos diferentes momentos histórico. 	<ul style="list-style-type: none"> • A literatura no contexto das artes; • Texto literário e não literário; • Linguagem denotativa e conotativa; • Figuras de linguagem; • Os gêneros literários; • Linguagem verbal e não verbal; • As funções da linguagem; • Variações linguísticas e níveis de linguagem; • Introdução à semântica: sinonímia, antonímia, paronímia, homonímia, campo semântico, hponímia, hiperonímia e polissemia. • Ambiguidade; • Relação entre tipos e gêneros textuais; • As tipologias textuais (noções gerais); 	<ul style="list-style-type: none"> • Explanação oral do conteúdo em sala de aula; • Contextualização histórica; • Aula expositiva com apresentação de imagens; • Leitura de textos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho em grupo; • Pesquisa teórica; • Pontualidade; • Organização das atividades; • Postura em sala virtual; • Debates; 		

Fonte: Autor, 2024.

Dentre os conteúdos supracitados, escolhemos três para abordar a melhor forma de adaptação. Ao apresentar esses conteúdos, conseguimos compreender que são todos importantes para o aprendizado dos alunos e para o desenvolvimento dos mesmos inclusive, os surdos, para tanto escolhemos, produção de texto: poema e da parte da gramática, o estudo da estrutura sintática das palavras. Mas, como estas temáticas ficariam mais acessíveis aos

surdos? Sabemos que os materiais adaptados são de suma relevância para a compreensão dos conteúdos, pois alguns alunos necessitam de maior aprofundamento para compreender de forma efetiva, as temáticas.

A partir dos conteúdos trabalhados no 1º ano do Ensino Médio, escolhemos alguns para exemplificar os materiais didáticos, a partir dos métodos de adaptações e acessibilidades. Foram escolhidos: figuras de linguagem, o poema e análise sintática.

Figuras de linguagem são expressões ou palavras no sentido conotativo, ou seja, sentido figurado, são exemplos de figuras de linguagem, metáfora, comparação, hipérbato, eclipse, silepse, gradação, personificação, prosopopeia, metonímia, hipérbole entre outras. Já o poema pertence ao gênero textual poesia que se apresenta normalmente em forma de versos e estrofes, com rima e melodia, sendo importante destacar que as figuras de linguagem ganham destaque aqui. Quanto à análise sintática é responsável por analisar o período/oração a partir da sua estrutura e sua relação semântica, ou seja, relação de sentido.

Veremos abaixo como fica cada conteúdo em Libras com exemplos.

Figura 1 -Sinais referente às figuras de linguagem



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GDJ_oV8I68M. Acesso em: 04/07/2024.

As figuras de linguagem exercem um papel relevante dentro da Língua Portuguesa, pois podemos evidenciar várias delas presentes em variados gêneros textuais, portanto, destacaremos aqui apenas três que são uma das mais vistas em textos do Ensino Médio.

Figura 2 - Sinais referente à figura de linguagem metáfora



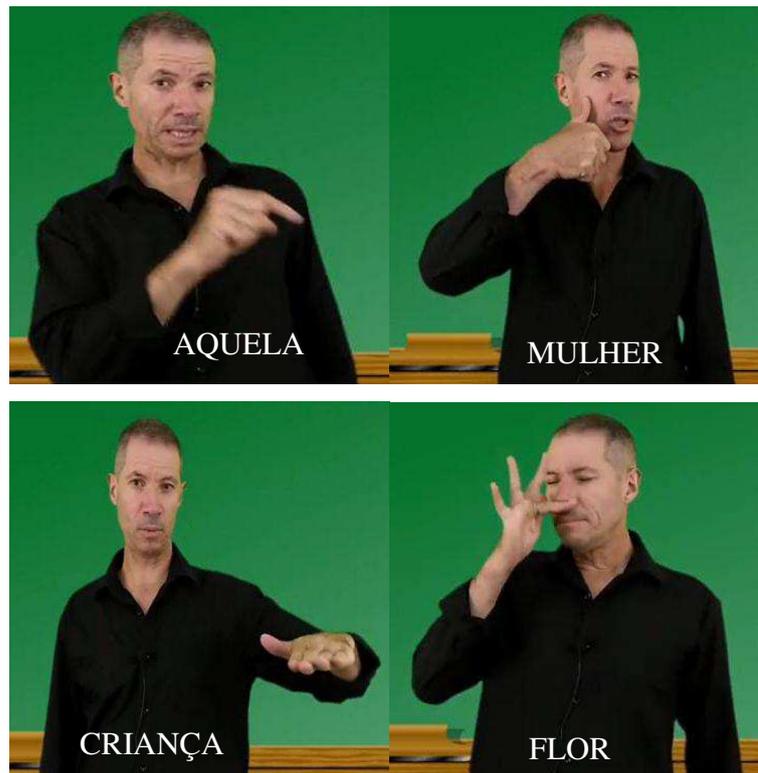
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GDJ_oV8I68M. Acesso em: 04/07/2024

Exemplo de frase com a figura de linguagem metáfora:

Aquela menina é uma flor

Como essa frase acima ficaria na Libras?

Figura 3 - Sinais referente a frase acima



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xT1fY8WRZIs>. Acesso em: 04/07/2024

Figura 4 - Sinais referente à figura de linguagem comparação



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GDJ_oV8I68M. Acesso em: 04/07/2024

Exemplo na frase:

Eu e ele somos unidos feito unha e carne

Figura 5 - Sinais referente a frase acima



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QzN5OhfrIA8>.

<https://www.youtube.com/watch?v=DfkbnQr17qE>. Acesso em: 04/07/2024

Figura 6 - Sinais referente a figura de linguagem hipérbole



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=GDJ_oV8I68M. Acesso em: 04/07/2024

Exemplo na frase:

Rios te correrão dos olhos, se chorares (Olavo Bilac)

Figura 7 - Sinais referente a frase acima



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=tkYQKb45r20>. Acesso em: 04/07/2024

Agora iremos apresentar um poema de Vinicius de Moraes, “Amor em Paz”, em que destacaremos o mesmo nas duas línguas para exemplificar melhor.

Amor em Paz

(Vinicius de Moraes)

Eu amei

Eu amei, ai de mim, muito mais

Do que devia amar

E chorei

Ao sentir que iria sofrer

E me desesperar

Foi então

Que da minha infinita tristeza

Aconteceu você

Encontrei em você a razão de viver

E de amar em paz

E não sofrer mais

Nunca mais

Porque o amor é a coisa mais triste

Quando se desfaz

Figura 8- Sinais referente ao poema acima





Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6eacHY-QW10>. Acesso em: 04/07/2024

Conforme podemos perceber, o poema foi apresentado nas duas línguas estudadas aqui em questão, por isso é relevante destacar o que Quadros (2019, p.124-125) retrata sobre os poemas.

A poesia em Libras tem ocupado um espaço bastante significativo nas produções dos surdos brasileiros, especialmente nas últimas duas décadas. Segundo Sutton-Spence e Machado (no prelo), as produções poéticas têm sido alvo de atenção entre as comunidades surdas e academia. A poesia tem ocupado espaços na educação básica junto às crianças surdas, assim como nas dissertações e teses de doutorado produzidas no país.

A poesia tem se destacado bastante na comunidade surda, e hoje com o avanço tecnológico, percebemos como ela vem se propagando cada vez mais permitindo que os poemas sejam gravados e acessados de forma democrática.

Por último, explanaremos uma atividade desenvolvida pela professora Lúcia Lacerda¹, em que desenvolveu 11 jogos para incluir os alunos surdos na Língua Portuguesa, mas daremos destaque em somente uma por trabalhar análise sintática das frases como conteúdo escolhido para ser abordado aqui.

¹ Lúcia Lacerda, uma baiana que trabalhou vários anos em um banco, mas conseguiu o sonho de ser professora na escola C.E Marizanda Dantas em Salvador, e logo de cara ela teve um grande desafio que foi trabalhar com alunos surdos sem conhecer a língua deles, porém ela fez várias tentativas de ensino, até quando conseguiu desenvolver os jogos que os inseria na aprendizagem da Língua Portuguesa.

Figura 9 - Referente ao conteúdo análise sintática

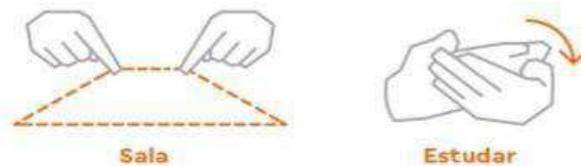
Libras é língua

Muito além do gesto

Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é uma mímica. É uma língua completa, com estruturas gramaticais, convenções e toda uma lógica própria que procura construir significados com base na descrição de espaços, gestos e movimentos. Veja um exemplo de como uma mensagem em português pode ser construída:

João entrou na sala de aula e sentou
frase formada por sujeito + verbo + objeto

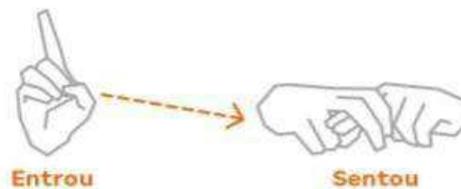
1) **O objeto:** Primeiro, descreve-se o perímetro da sala seguido do gesto que significa “estudar”. Tem-se “sala de aula”.



2) **O sujeito** - Os gestos, então, primeiro indicam que se trata de uma pessoa e depois “soletram” a palavra “João”.



3) **A ação** - Com o sujeito e o local comunicados, passa-se à ação, que, no caso, é descrita por dois verbos.



Fonte: Francisco Carneiro Pinheiro Junior, intérprete de Libras

Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/12892/como-incluir-alunos-surdos-na-linguaportuguesa>. Acesso em: 04/07/2024

Como falantes da Língua Portuguesa, nós conseguimos identificar facilmente a estrutura de uma frase simples, como o exemplo da atividade acima: João entrou na sala de

aula e sentou. É possível perceber que a frase é composta de sujeito + verbo + objeto. Segundo Quadros (2004), essa mesma estrutura também se aplica na Libras, claro que em alguns casos podem mudar. Quadros e Stumpf (2009, p.171) demonstra:

Quanto à ordem básica da frase, Greenberg (1966) mostra que são possíveis seis combinações de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V), sendo que algumas delas são mais frequentes do que outras. Mesmo havendo variação na ordem das palavras nas línguas, cada uma vai eleger uma ordenação de palavras dominante. Greenberg ainda constata que essa ordem dominante em cada língua sempre será SOV, SVO ou VSO.

Conforme podemos perceber com a fala das autoras acima, a ordem básica da frase pode assumir seis combinações possíveis de sujeito (S), verbo (V) e objeto (O). Assim, Quadros (2019) diz que essas seis combinações são: construções com diferentes tipos de verbos, verbos simples e com concordância; construções topicalizadas; construções com foco duplicado; construções com foco contrastivo; construções interrogativas; construções negativas e construções com estrutura subordinada.

Em suma, todos estes conteúdos possuem grande relevância para o ensino das línguas e aqui frisa-se do quanto é importante a adaptação dos materiais didáticos para que alunos surdos consigam a capacidade de se desenvolverem dentro e fora da escola. Dessa forma, Barbosa e Lacerda (2019, p. 150) destaca que “os materiais didáticos são, portanto, recursos que configuram a motivação e o envolvimento do estudante com o processo de ensino e aprendizagem”. Convém pôr em relevo essa afirmação, porque os recursos escolhidos pelo professor é que serão a motivação para aproximar o estudante da língua-alvo.

Segundo Barbosa e Lacerda (2019) existem vários materiais adaptados para o ensino da Libras como por exemplo: dicionários em Libras, canais no youtube, algumas literaturas surdas como o Patinho surdo; as luvas mágicas do Papai Noel, Rapunzel surda, o feijãozinho surdo, Tibi e Joca; filmes também como: Seu nome é Jonas; La famille Bélier entre outros.

Nesse sentido, os professores poderiam fazer o uso de qualquer um desses recursos ditos acima para contextualizar o objetivo que eles tiverem em suas aulas. Assim, uma das estratégias é o uso da pedagogia visual, que Costa (2019) enfatiza que é uma das melhores estratégias para ensinar o surdo, já que eles aprendem visualmente. Os professores necessitam fazer o uso de todos os recursos possíveis e para isso não basta apenas mostrar o conteúdo em Libras, mas também explicá-los utilizando todos recursos visuais possíveis.

Ainda Segundo Costa (2019, p.21) a semiótica magnética destaca-se:

Sobre a potencialidade de aprender a partir de uma imagem. Uma fotografia, por exemplo, pode-se trazer diversas informações, dentre elas contexto histórico e social, fatores econômicos, políticos entre outros. Dentro dessa situação, definida neste campo como “cultura do olhar”, uma fotografia seria então capaz de falar sobre várias coisas sem necessariamente precisar de um texto escrito.

Como podemos perceber, a semiótica magnética ajuda na compreensão de um determinado assunto para os surdos, facilitando sua compreensão no sentido da contextualização do conteúdo que o professor irá trabalhar em sala. Logo, Barbosa (2020) complementa que um outro recurso didático seria os gêneros textuais para o ensino do português como segunda língua, visto que irá trazer comunicação social e interação, pois permitirá que seja explorado até mesmo assuntos voltados para a gramática, sendo enfatizados temas do cotidiano dos alunos.

Sobre a adaptação dos materiais didáticos Barbosa (2020, p.8-9) salienta:

A adaptação de recursos didáticos de acordo com a necessidade específica de aprendizagem do estudante, está prevista na Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 institui a inclusão da Pessoa com Deficiência, destacando em seu Art. 28 inciso II “o aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantia das condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem”; no Art. 4º § 1º que “Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas”; Art. 27 § 1º do Decreto nº 3.298/99, no qual institui [...] adaptações de provas e apoio necessários, previamente solicitados pelo aluno com deficiência, inclusive tempo adicional para realização das provas, conforme as características da deficiência [...]; no Art.29 inciso I que determina adaptação de recursos instrucionais: material pedagógico, equipamento e currículo.

Deste modo, os professores têm por dever adaptar os materiais de acordo com a necessidade de seus alunos como está previsto pela própria Lei de Inclusão. Portanto, saber como funciona a estrutura da Libras para então saber passar para o Português se faz essencial na trajetória escolar. Não é e nem será uma tarefa fácil para os professores, mas é essencial para os alunos.

Aqui entra destaque a figura do intérprete de Libras que assume um papel relevante neste processo, pois é ele quem proporciona uma valiosa interação entre surdos e ouvintes.

Sobre o papel do intérprete Gesser (2009, p. 47) diz que:

A interpretação ocorre geralmente de maneira informal, em momentos em que o surdo está interagindo com outros indivíduos que não dominam/conhecem a língua de sinais. Nesse cenário, observa-se que a maioria dos intérpretes brasileiros tem desenvolvido sua proficiência e a habilidade de interpretar a partir, digamos, de uma situação de “emergência” comunicativa na interação surdo/ouvinte. Afirmar que o surdo precisa de intérprete em espaços institucionais em que as pessoas não falam a sua língua já é um direito reconhecido pela Lei nº 10.436, aprovada em 24 de abril

de 2002. Então, escolas universidades repartições públicas, tribunais, hospitais etc. devem atender essa população específica assegurando-lhe o seu direito linguístico de poder ser assistido em sua própria língua.

Dessa forma, entendemos que muitos intérpretes se desenvolvem com a interação com os surdos de maneira informal, a partir da necessidade de se comunicar com eles através de situações de emergência, por isso a Lei já sancionou que os surdos precisam de intérpretes em vários ambientes e instituições como ditos acima, assegurando a eles o direito linguístico em sua língua materna.

Nessa vereda, no campo do Ensino Médio são aplicados os conteúdos do Ensino Fundamental com intuito de revisar o aprendizado obtido pelos alunos. Porém, o papel do professor como mediador do conhecimento foi que ganhou destaque, pois é a partir dele que muitos serão alfabetizados e letrados, por isso esses profissionais precisam estar aptos para o ensino das duas línguas.

Assim, os materiais didáticos necessitam estar de acordo, ou seja, adaptados para que os estudantes de uma escola bilíngue consigam associar o conteúdo explanado. A escolha da metodologia certa trará grandes contribuições fazendo com que estes alunos sejam desenvolvidos tanto linguisticamente como socialmente, pois eles serão futuros profissionais trabalhadores dentro da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas análises e descrições, entendemos que os processos metodológicos adotados pelos professores de Língua Portuguesa, colaboram com a técnica de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, contribuindo assim para o perfil de profissionais que irão exercer suas funções com mais habilidade e competência.

Tomando por base as referências de Maia; Veloso (2009), Quadros (2019), Santos; Goes (2016), Honora; Frizanco (2009), Costa (2019), Salles Et. Al (2004), Salces (2016), Cunha (1997), Campello (2005), dentre outros. A presente pesquisa se justificou pelo fato de observar dentro do convívio familiar a dificuldade com a escrita de pessoas surdas, sendo que elas já estavam em nível de ensino de médio, em que já se era possível o desenvolvimento da habilidade de textos escritos. Na perspectiva em que trabalhamos, notamos o modo como alunos surdos tem dificuldades no processo de aquisição de uma segunda língua, que no caso para os surdos, é o português.

Tivemos como principais objetivos alcançados a identificação de estratégias que poderiam ser utilizadas pelo professor em sala de aula, em que podemos destacar, a pedagogia visual, a semiótica magnética e os gêneros textuais, e também apontamos a relevância do ensino de língua portuguesa para o desenvolvimento linguístico do surdo, em que podemos notar que se faz essencial dentro das salas de aula.

Levando em consideração os objetivos propostos para esta pesquisa, notamos que através dos materiais adaptados, os alunos surdos conseguem aprender e se desenvolver melhor na parte escrita do português e também associam o conteúdo proposto da Língua Portuguesa com a sua língua materna, sendo dada a importância neste processo o uso de recursos visuais pelo professor.

Além disso, compreendemos que o aprendizado da Língua Portuguesa é essencial para todas as pessoas, pois necessitamos utilizá-la em nosso dia-a-dia, e com os surdos não seria diferente, pois eles, assim como os ouvintes, necessitam fazer o uso dela em várias situações de sua vida, como ler um e-mail, uma receita e até mesmo transmitir uma mensagem escrita.

Os principais resultados que tivemos foi: a relação teórica- analítica, que nos fez compreender que são muitas práticas metodológicas a serem avaliadas e desenvolvidas pelos professores, e que existem poucos materiais desenvolvidos para o ensino de ambas as línguas, principalmente para o nível do ensino médio que no caso, não conseguimos identificar nenhum material específico para análise.

Com a nossa pesquisa podemos identificar o quanto este campo ainda precisa ser estudado pela importância de poder ajudar alunos surdos que tem tanta dificuldade com o português. Portanto, o papel do professor nessa atmosfera trará grandes avanços e mudanças

para essa realidade, e aqui entra um dos pontos que foram analisados, o professor precisa se preparar da maneira correta para conseguir ajudar alunos surdos a se desenvolver linguisticamente.

REFERÊNCIAS

ANNUNCIATO, Pedro. **Como incluir alunos surdos na língua portuguesa?** Nova Escola. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12892/como-incluir-alunos-surdos-na-linguaportuguesa>. Acesso em: 05 de julho de 2024.

ASSIS, Maria Cristina. **História da língua portuguesa**. João Pessoa: UFPB, 2011.

BALÉA, Felipe. **Figura de linguagem hipérbole- escola de libras**. You Tube. 04 de out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tkYQKb45r20>.

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar; LACERDA, Lúcia Loreto. **Parâmetros de ensino em língua brasileira de sinais como L2**. Indaial: UNIASSELVI, 2019.

BARBOSA, Poliana Velêz. **A produção de material didático de língua portuguesa para surdos no ensino médio na perspectiva inclusive**. João Pessoa, 2020.

BARRETO, Universidade da libras. **Pronomes pessoais em libras-como montar frases em libras-Madson Barreto- Universidade da Libras**. YouTube. 06 de out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QzN5OhfrIA8>.

BÍBLIA, Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de King James Versão 1611. Rio de Janeiro: Bv books, 2015.

BRASIL, **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras. Presidência da República, Brasília, DF, 22 de dez. 2005.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Ensino da língua portuguesa para surdos**. 1. ed. Santa Maria, 2005.

CAPOVILLA, Fernando. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo**. São Paulo: Revista brasileira de educação especial, v.6, n.1, 2000. Acesso em 15 de Maio 2024 Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-65382000000100007&script=sci_abstract.

COSTA, Larissa da. **Adaptação de materiais/recursos na educação de surdos: uma revisão bibliográfica**. Comunicações Piracicaba, v.25 n.3 p. 293-320. 2018.

COSTA, Simone Cardoso da. **Metodologias de ensino de língua portuguesa para alunos com surdez**. Marabá-PA, 2019.

CUNHA, Cristian Hernando Sardo da; CORREIA, Mariana. **Estudos surdos**_Indaial: UNIASSELVI, 2021.

DINIZ, Elenira Pereira da Silva. **A importância do português como segunda língua para o aluno surdo na escola regular**. Patos, 2021.

FONSECA, Hélio. **O amor em paz- Vinicius de Moraes-Libras**. You Tube. 26 de out. de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6eacHY-QW10>.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Aquisição da língua de sinais para surdo como L1**. Indaial: UNIASSELVI, 2017.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.

GUMBRECHR, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**- Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC, 2010.

HARRISON, K.M.P. O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000. p. 114-122.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. 1. ed. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

LORENZINI, Nydia Mara Pinheiro. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do ensino fundamental**. Florianópolis, 2004.

MAIA, Valdeci; VELOSO, Éden. **Aprenda libras com eficiência e rapidez**. 1. ed. Curitiba: Mão Sinais, 2009.

MENEZES, Afonso Henrique N. et al. **Metodologia científica teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina-PE, 2019.

OLIVEIRA, Cladimir. **Figuras de linguagem-libras**. You Tube. 24 de maio 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GDJ_oV8I68M.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos**. Curitiba: UFPR, 2014. p-143-157.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

QUADROS, Ronice Muller de. **Linguística para o ensino superior**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller; STUMPF, Marianne Rossi (org). **Estudos surdos IV**. Petrópolis- RJ: Arara Azul, 2009.

RIBEIRO, Rafaella de Oliveira Canquerino; BIERNASKI, Coautora: Simone do Rocio. **Aspectos da comunicação do sujeito surdo e sua inclusão na sociedade. Formação de professores: contextos, sentidos e práticas.** EDUCERE, 2017.

SALCES, Cláudia Dourado. **História da língua portuguesa.** Londrina: S.A, 2016.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANTOS, Adriana Prado Santana; Goes, Ricardo Schers de. **Língua Brasileira de Sinais-libras:** UNIASSELVI- Indaial, 2016.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SOUZA, Ari. **História da língua portuguesa.** Paraná. 2020.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2014.

TIMÓTEO, Rodrigo. **Você sabe o sinal de união.** You Tube. 07 de fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DfkbnQr17qE>.

VIRTUDE LIBRAS. **Libras metáfora.** You Tube. 02 de fev. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xT1fY8>

